

# A #ficaemcasa e o funcionamento de dupla tipologia de poder no brasil pandêmico

*The #ficaemcasa (#stay home) and the operation of dual typologies of power in pandemic brazil*

Elaine de Moraes Santos<sup>1</sup>

*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul / SuDiC-CNPq*

♦ **RESUMO:** À luz dos Estudos Discursivos Foucaultianos, meu objetivo, neste texto, é problematizar a irrupção de um enunciado-formulação determinado historicamente, representativo de condicionamentos dos corpos e das vidas no tempo-espaço recortado – a #ficaemcasa. Defendo que sua circulação, nas dizibilidades digitais, personificou o funcionamento de dupla tipologia de poder, no Brasil pandêmico. As análises desenvolvidas situaram a produção de um efeito de rarefação de duas vontades de verdade. Isso porque o debate regular naturalizou, como únicos, dois lugares excludentes do viver: a manutenção da economia e/ou da saúde.

♦ **PALAVRAS-CHAVE:** Pandemia. Rarefação. Vontades de verdade. Biopoder

♦ **ABSTRACT:** Assuming the Foucauldian Discourse Studies, my aim in this text is to problematize the irruption of a historically determined statement-formulation, representative of the bodies' and lives' conditioning in a selected time-space – the #ficaemcasa. I argue that its circulation, in the digital range, personified the functioning of a double typology of power, in pandemic Brazil. The developed analyses pointed to the production of a rarefaction effect of two wills to the truth. This happens because of the naturalized debates, as unique, which stands for two excluding ways of living: maintaining the economy and/or health.

♦ **KEYWORDS:** Pandemic. Rarefaction. The will to truth. Biopower

## Considerações iniciais

Pandemia de Covid-19, quarentena, isolamento social, #nãoosaia, #laveasmãos, #useálcoolgel, #vidasimportam. “Gripezinha”, #NãoFiqueEmCasa, “Mimimi”, #façao seu, #nãoparalisação, #CloroquinaSalvaVidas, #ChegaDeMáscaras. Qualquer que seja a designação, o imperativo ou a *hashtag* que eu mobilize, na dispersão de enunciados em circulação dentro e fora da internet, trata-se de imergir em, pelo menos, dois campos associativos (FOUCAULT, 2010a) de significação, na natureza política de lutas empreendidas no Brasil, sobretudo entre 2020 e 2022.

Pensando em como Foucault (2008, p. 325) estava certo ao dizer “[...] que a história tem por função mostrar que aquilo que é nem sempre foi” e ciente da intrínseca relação entre mídia e política, no cerne de cada narrativa envolvida na enumeração com que iniciei, é que me lanço, neste texto, para mais um mergulho na historicidade do chamado período pandêmico.

<sup>1</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Faculdade de Artes, Letras e Comunicação, da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Líder do Grupo de Pesquisa Corpo, Sujeito e(m) Discursividades (político) midiáticas (SuDiC/CNPq). E-mail: proflainemoraes@gmail.com.

Para a escavação de enunciados, entrecruzando o pensamento do filósofo francês e sua produtividade para o empreendimento de análise discursiva, aciono os Estudos Discursivos Foucaultianos. Do lugar teórico-metodológico estabelecido, meu objetivo, neste texto, é problematizar a irrupção de um enunciado-formulação determinado historicamente, representativo de condicionamentos dos corpos e das vidas no tempo-espaço recortado – a *#ficaemcasa*. Defendo que sua circulação tão reiterada e, ao mesmo tempo, tão repelida, nas dizibilidades digitais ou nos espaços midiáticos, personificou o funcionamento de dupla tipologia de poder, entre 2020 e 2022, no país. Tal processo delineou-se na confluência entre a soberania do desgoverno e as descontínuas faces de um biopoder que irrompeu enquanto biopolítica (atuando sobre a vida da população) e enquanto disciplina (no condicionamento individual dos corpos).

No cumprimento do propósito mencionado, minha discussão se organiza da seguinte forma: primeiramente, esboço as condições de possibilidade inerentes ao momento socio-histórico recortado. Depois, confronto a lógica da política federal no período, os trajetos de sentido da *#ficaemcasa*, na biopolítica do contexto brasileiro, às memórias da disciplina cotidiana de um corpo isolado, na proposição de uma vida não fascista.

### Condições de emergência

Sars-CoV-2, Covid-19, Novo Coronavírus – uma enumeração que correspondeu a diferentes designações-acontecimentos regulares na ordem do dizer. Desde dezembro de 2019, em Wuhan, na China, até os desdobramentos da explosão de casos no Brasil, no início de 2020, houve uma profusão de discursos-demanda tendo em vista, de um lado, a alta transmissibilidade viral da doença e o potencial de letalidade em alguns corpos; de outro, a instauração de corridas múltiplas para a reconfiguração das dinâmicas de existência em sociedade.

Dentro das casas, a lavagem das mãos, a higienização dos produtos recém comprados, o cuidado com roupas e calçados, quando se chegava de fora. No domínio clínico-hospitalar, o atendimento de pacientes, a testagem de remédios, os malabarismos com a falta de insumos e leitos. Nos institutos de pesquisa, a busca incessante pelo desenvolvimento de vacinas e pela testagem de tratamentos alternativos.

Na urbanidade das ruas, dos bairros, das cidades, o conglomerado de decretos municipais<sup>2</sup>, anúncios midiáticos e uma reordenação dos corpos em todo abre-fecha de comércios, empresas e ofertas de serviços (não)oficiais. No bojo da dinâmica que inflamava ainda mais o efeito de polarização política, instaurado desde 2018, a pauta se sustentou na rarefação (FOUCAULT, 2010b) de duas vontades de verdade (FOUCAULT, 2010b; 1988): ciência *versus* economia.

Entender as condições de emergência alinhavadas, sob o prisma dos Estudos Discursivos Foucaultianos, é respaldar-se “[...] por uma incursão no interior do conjunto de trabalhos de Michel Foucault [...] sem perder de vista a descrição do discurso com valor de acontecimento no interior dos diferentes jogos de poder-saber-si” (NAVARRO, 2020, p. 31). Consiste, em última instância, em se colocar no entrecruzamento entre o pensamento do filósofo francês e sua produtividade para o empreendimento de análise discursiva.

---

<sup>2</sup> Em Nogueira (2023, no prelo), a autora enumera uma série de decretos municipais, da prefeitura de Campo Grande/MS e de documentos oficiais adotados na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, por ocasião da implementação do chamado Ensino Remoto de Emergência.

Ciente disso e para começar, proponho uma volta à famosa aula inaugural em que Michel Foucault traçou processos que se situam na ordem do discurso que toda sociedade desenvolve, historicamente. Em sua sistematização, entre os procedimentos externos de controle que o filósofo francês descreve, destaco a vontade de verdade como a luta que se trava pelos chamados discursos verdadeiros de uma época. Essa “vontade de verdade”, como os outros sistemas de exclusão, apoia-se sobre um suporte institucional:

[...] é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas [...] mas ela é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como [qualquer] saber é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído (FOUCAULT, 2010b, p. 17).

Em nossa temporalidade, como venho apontando, no debate político imperou a circulação de “saberes valorizados”, em enunciados de maximização ou de minimização da letalidade do Novo Coronavírus. Na primeira vontade de verdade, oriunda de segmentos sociais difusos (cientistas, profissionais de saúde, profissionais de educação, jornalistas, artistas e partidos afinados à esquerda brasileira, por exemplo), primava-se pela adoção de um isolamento social necessário à contenção do contágio, à diminuição dos colapsos instaurados em unidades de saúde, com a falta de leitos, profissionais, medicamentos, insumos, oxigênio. Isso porque, da falta nos hospitais ao excesso, fora deles, estavam: corpos, túmulos, enterros e transporte de restos mortais do que, há pouco, eram vidas.

Na segunda vontade de verdade, oriunda do presidente da república e de seus apoiadores, associada no campo político à extrema direita, convocava-se a população para voltar ao trabalho. Também se estimulava o uso de medicações preventivas, sem comprovação científica de que eram eficazes no combate ao vírus (como a Cloroquina e a Ivermectina<sup>3</sup>), além do descrédito, constante, às recomendações de Biossegurança da ONU e à importância das vacinas.

Voltando-me, agora, aos chamados procedimentos internos de controle dos discursos, com Foucault (2010b), chamo a atenção para o processo de rarefação. Juntas, as duas vontades de verdade descritas compõem o bélico e triste embate entre as *hashtag* #ficaemcasa (pela saúde do corpo) e #NãoFiqueEmCasa (pela saúde da economia do país), produzindo um efeito de rarefação. Ao restituir os dois enunciados à sua irrupção histórica, conforme a teoria foucaultiana, foge-se da relação causa/efeito, fazendo emergir, na espuma da história: “[...] a multiplicidade dos acontecimentos no elo positivo (e não positivista!) que os sistematizam (CAMPOS, 2019, p. 168).

Sendo assim, quando se rarefez, no meandro das duas lógicas, a circulação de discursos tanto tornou rara a possibilidade de outros enunciados que justificassem a adoção ou não do isolamento social, quanto estabilizou diferenças, condicionando os corpos, já em sofrimento, numa mesma toada. Ainda pela lógica do pensamento foucaultiano, a análise não deve “[...] focaliza[r], apenas, um acontecimento recortado pela historiografia [...], mas [...] lançar luz sobre diferentes pontos na história, que constituem os estratos históricos nos quais” (CAMPOS, 2019, p. 168) se edificam as duas *hashtags* possíveis.

Pela importância histórica desse funcionamento discursivo, no contexto brasileiro da época, na continuação deste texto, mais arestas de tal disputa de sentidos

<sup>3</sup> Entre os conteúdos em circulação nas mídias, em resgate à indicação dessas medicações nos discursos do presidente, indico uma que compila várias etapas desse processo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57166743>. Acesso em: 25 abr. 2023.

serão problematizadas, à luz da organicidade de dupla tipologia de poder, na analítica foucaultiana.

### O funcionamento de dupla tipologia de poder: memórias de um poder soberano

A fim de dimensionar, sob outra face, parte das condições de possibilidade de uma nova ordem, pandêmica, ou seja, “[...] aquilo que dá lugar a uma série aleatória desses acontecimentos e fixa suas fronteiras” (FOUCAULT, 2010b), reatualizo a memória de 2018 quando, ao encerrar minha apresentação do IV Sedisc (Seminário Discurso, Cultura e Mídia) da Unisul, eu “ousava me revoltar”, premissa que tematizava aquela edição do evento, lançando inquietações latentes:

[...] sobram-me perguntas para a compreensão de uma parte da sociedade que se fez, notadamente, veiculadora de conteúdos FAKE, de um povo descrente dos alertas do #elenão, produzidos dentro e fora do país, de uma parcela do Brasil que (re)atualizou a memória da ditadura, docilizando [...] suas faces e elegendo Jair Bolsonaro (SANTOS, 2019, p. 432).

Se era “balbúrdia”<sup>4</sup> de minha parte, como explicar que, em 28 de abril de 2020, o então presidente da república, Jair Bolsonaro, quando perguntado quanto aos índices de óbitos de brasileiros que, na ocasião, ultrapassavam os números relativos à China, produziu a seguinte resposta que ganhou as páginas da mídia pelo tom de deboche e o descaso com o sofrimento imputado às famílias: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”<sup>5</sup>.

Figura 1 - Reportagem sobre declaração de Bolsonaro



Fonte: CNN Brasil (2020)

Das proposições lançadas em 2018 para cá, ainda não saí de uma cadeia semântico-parafrástica pouco movente. Em termos frasais, continuo no dissabor de perguntas sem resposta, porém, durante uma crise sanitária sem precedentes no mundo contemporâneo, elas se enveredam para as repercussões de um desgoverno, cuja atuação faz lembrar o poderio de teorias clássicas baseadas no exercício de uma soberania:

[...] o soberano só exerce, no caso, seu direito sobre a vida, exercendo seu direito de matar ou contendo-o; só marca seu poder sobre a vida pela morte que tem condições de exigir. O direito que é formulado como ‘de vida e de

<sup>4</sup> Em Consolaro (2021), a autora problematiza o lastimável momento histórico em que tal designação é referida às universidades brasileiras pelo então ministro da Educação, à época.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/e-a-vida-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus>. Acesso em: 21 abr. 2023.

morte' é, de fato, o direito de *causar* a morte ou de *deixar* viver (FOUCAULT, 1988, p. 148, grifo do autor).

Assumindo, portanto, o direito de “causar a morte” e por uma engrenagem política negacionista, o presidente da república negligenciou seu papel para a garantia dos direitos à saúde, à dignidade e à vida da população, minimizando os riscos da doença e estimulando o não atendimento às recomendações da OMS (Organização Mundial de Saúde).

Ciente dessa engrenagem, equilíbrio os espaços enunciativos situando que esteja, aí, a transferência do Estado para a invisibilidade de inimigo viral a relação de causalidade-consequência. Apontado como a origem de uma crise sem precedentes, o Novo Coronavírus fomentou já-ditos, ainda-sofridos, nunca-vividos, sendo responsabilizado pelo fato de que sistemas de saúde, instituições de ensino, relações trabalhistas, inflação, desemprego, violência e demais esferas há tempos e ainda seguiram/seguem repercutindo uma lógica bélica e “carnificida” de desigualdade social no país. Uma lógica que, agora, é sustentada por discursos de naturalização de duas vontades de verdade, na dicotomia saúde versus economia, agravando, ainda mais, o colapso político enfrentado no Brasil.

Figura 2 – O aumento das desigualdades no Brasil



Fonte: Print realizado pela autora (2023)

Na figura 2, assumindo a descontinuidade histórica (FOUCAULT, 1979) com que diferentes enunciados midiáticos traçaram o aumento da pobreza em território nacional, no entremeio das medidas de biossegurança adotadas no Brasil pandêmico, agrupei dois *prints*. Se, para o filósofo francês, “[...] a história será ‘efetiva’ na medida em que ela reintroduzir o descontínuo em nosso próprio ser” (FOUCAULT, 1979, p. 27), nas duas imagens que reúnem, sem me ater à datificação, a existência de corpos em sofrimento social e sua relação com uma economia abalada emerge, seja pela aglomeração clicada na fotografia de *O Globo*, seja pela referência numérica que tanto quantifica quanto reúne em torno do mesmo acontecimento – a perda de emprego – um conjunto de pessoas demandantes da atuação mais assertiva de uma política nacional.

Sobre o resgate daquela fala e compartilhando, com Gallo (2019, p. 17), da mesma necessidade, cabe, aqui, um esclarecimento, “[...] não entendam este gesto como

de alguém que aprecia remoer o passado, mas um gesto de busca de compreensão das questões discursivas, e por que não dizer, ‘afetivas’ que seguem reclamando nossa leitura”. Então, seja na conjuntura negacionista recuperada na Figura 1, seja na confluência de uma crise financeira que, pela Figura 2, não cabe apenas ao universo matemático dos números, entre indagações que seguem demandando “nossa leitura” estão mais de 365 dias de um governo marcado por orçamentos secretos<sup>6</sup> e por retrocessos na ordem das políticas sociais que estavam em vigor, antes de seu ingresso, antes do Golpe de 2016<sup>7</sup>.

Finalmente, o exercício de um poder voltado à administração da vida, na dupla tipologia de poder inerente à historicidade do Brasil pandêmico, enquanto biopoder é exercido sobre duas instâncias diferentes. Como discutirei nos próximos tópicos, no campo individual, disciplinar, ele decorre nos rituais assumidos por cada corpo. No âmbito social, invertendo um pouco a lógica de uma biopolítica, na qual os saberes e a administração das populações se erigiriam mais do Estado, o que se viu foi a confluência de jogos de força, advindas de diferentes posições-sujeito de onde foi possível sustentar e propagar a *#ficaemcasa* no contexto brasileiro.

### **O biopoder: trajetos de sentido da *#ficaemcasa* na biopolítica do contexto brasileiro**

Considerando com, Foucault (2010a, p. 136) que “[...] interpretar é uma maneira de reagir à pobreza enunciativa e de compensá-la pela multiplicação do sentido; uma maneira de falar a partir dela e apesar dela”, no funcionamento da segunda tipologia de poder proposta, está o biopoder. Trata-se de um poder “[...] sobre a vida, que empreende sua gestão, sua majoração, sua multiplicação, o exercício, sobre ela, de controles precisos e regulações de conjunto” (FOUCAULT, 1988, p. 149).

No tocante a essa gestão do tempo, da higienização, da conscientização quanto aos riscos do contágio pelo Sars-CoV-2, em sua primeira aresta, neste item, focalizo a biopolítica. De acordo com Foucault (2008),

[...] há que entender por ‘biopolítica’ a maneira pela qual, a partir do século XVIII, se buscou racionalizar os problemas colocados para a prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes enquanto população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raça (FOUCAULT, 2008, p. 431).

Para tratar dessa prática, atualizo as memórias de quem atuou na conscientização, mantendo-se no centro das postagens, na tela dos televisores e nas conversas cotidianas, buscando preservar a vida. Faço referência aqui a sujeitos-corpos “de balbúrdia” que, como eu, tiveram/tivemos de sair da posição de “baderneiros” para enfrentar outra designação não menos ofensiva. Ao trabalhar pela circulação de informações e defender as medidas de biossegurança, passamos a “zebras-gordas” e /ou “parasitas do dinheiro público”, como foram/fomos tão chamados por discursos da ordem do ordinário (SILVEIRA, 2016) nas redes, mas também e, por que não, por

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/stf-da-cinco-dias-para-bolsonaro-e-congresso-explicarem-orcamento-secreto>. Acesso em: 25 abr. 2023.

<sup>7</sup> Como não é meu objetivo, aqui, adentrar qualquer ideia de origem, não versarei sobre o golpe de 2016, por extrapolar o recorte proposto inicialmente. Para quem quiser, entretanto, compreender, discursivamente, parte da conjuntura ali arquitetada, indico as discussões de Silva Sobrinho (2019), realizadas sob viés pecheuxiano.

dizibilidades legitimadas, sob a voz de quem era do governo antes da “dança de cadeiras”<sup>8</sup> nos ministérios.

Figura 3 – Os ataques ao corpo docente das universidades federais em 2019



Fonte: *Print* realizado pela autora (2023)

Em Consolaro (2021), a autora problematiza o lastimável momento histórico (abril de 2019) em que enunciados como os enquadrados em meu *print*, na Figura 3, enquanto duas designações de deslegitimação, são referidos às universidades brasileiras pelo então ministro da Educação – Abraham Weintraub, à época. Apesar do descaso desse tratamento, imputado à categoria, é por entre derivas de outra ordem que professores-cientistas, jornalistas e artistas, alvos-corrente desde a ascensão da política ultradireitista, após as eleições presidenciais de 2018, assumiram/assumimos o lugar de “carrasco” do período Medieval, passando a atuar na ordem da repetibilidade e da assunção de um discurso cerceador das “liberdades” do ir e vir: a *#ficaemcasa*.

Na raridade desse enunciado ou na movimentação de um derivado similar – *#nãosaiadecasa*, para “[...] analisar um interdito em relação ao que ele proíbe, também será preciso analisá-lo em função daqueles que proíbem e daqueles sobre os quais incide a proibição” (FOUCAULT, 2015, p. 11). Na historicidade do momento vivido, os imperativos não operam no campo da proibição clássica, mas como proposições cuja função enunciativa abre espaço para uma liberdade “[...] entendida como um espaço de liberdade concreta, ou seja, um espaço de possível transformação” (FOUCAULT, 1990a, p. 36, tradução nossa).

Vale ressaltar que isso ocorreu porque a mesma engrenagem política fomentadora de dizibilidades contra a ciência também terceirizou sua responsabilidade, ao minimizar a gravidade da doença e estimular a manutenção de desobediência às orientações da OMS. Instadas/os pelo cenário, coube aos antigos (professores-pesquisadores, universitários) e novos sujeitos de “balbúrdia” (jornalistas, artistas, profissionais da saúde) a tarefa de entreter, ocupar, conscientizar, informar a população,

<sup>8</sup> A expressão “Dança das cadeiras” foi usada por diferentes veículos midiáticos, entre 2019 e 2022, em referência à quantidade de trocas de ministros durante o governo federal daquele período. Também na dispersão de falas jornalísticas a respeito, destaca-se as alterações na pasta da Educação. Uma dessas matérias está disponível em: <https://exame.com/colunistas/money-report-aluizio-falcao-filho/a-infame-danca-das-cadeiras-e-uma-tradicao-no-mec>. Acesso em: 24 abr. 2023.

reiterando, como mantra, uma *hashtag* que nos destituiu do calor humano da presença dos corpos.

Figura 4 – Iniciativas brasileiras para entreter e informar quem estava em isolamento social no período



Fonte: *Print* realizado pela autora (2023)

Sem intentar qualquer efeito de totalidade na referência às inúmeras ações voltadas às parcelas da sociedade que conseguiram manter-se em isolamento social, na figura 4, meu *print* apenas reúne exemplos de três domínios que ilustram parte dos esforços. Da quantidade de *lives* de artistas diversos, do desenvolvimento de museu *online*, como disponível em <https://www.instagram.com/museudoisolamento/>, e do intenso trabalho da imprensa, na cobertura jornalística de tudo que acontecia, 24h por dia, emergiu, de um lado, um esforço voltado ao entretenimento e à ocupação de sujeitos isolados, e, de outro, as atualizações noticiosas que faziam circular diferentes leituras sobre o cenário bélico instaurado.

Não, não ignoramos as dificuldades de milhares de famílias sem lar e sem estrutura, cujo potencial de contaminação era enorme, em existências sem saneamento básico, já que “[...] a despeito de todos os avanços democráticos, algo do traço obscuro de nossa colonização perdura e [ainda] nos atravessa, a saber, a falta de direitos, a exclusão social e o racismo” (SOUSA, 2020, p. 240). Não ignoramos os milhões de trabalhadores que não puderam “ficar em casa” porque, na lógica capitalista, foram impedidos por seus patrões, como se não fossem donos de seus corpos. Mesmo em um tempo no qual a escravidão já figura/figurava como prática social inerente “apenas” aos

livros de História, “[...] restos indignos e aviltantes que apontam o modo como a nossa matriz escravagista perdura, produz efeitos e deixa ressonâncias em curso ainda hoje, em vários traços da nossa vida social” (SOUSA, 2020, p. 240).

Não ignoramos a situação de mulheres e crianças para quem, ficar em casa, foi/é aumentar o tempo de confinamento junto aos agressores:

Figura 5 – Criação de legislação própria ao aumento dos casos de violência doméstica na pandemia



Fonte: *Print* realizado pela autora (2023)<sup>9</sup>

Na figura 5, apresento o *print* de uma notícia tão triste quanto necessária: a demanda pela criação de uma legislação voltada à proteção das mulheres durante o isolamento social. Duarte e Santos (2023, p. 65-66, no prelo), ao problematizarem uma das ações de combate à violência doméstica na pandemia – a Campanha Agosto Lilás de 2020, em Mato Grosso do Sul, alertam, entretanto que “[...] com a criação de novas medidas de enfrentamento a esse tipo de violação no período, entra em funcionamento [...] o efeito de que denunciar é uma prática quase isenta de complexidade para as mulheres atingidas”.

Sim, nós não só viramos a fonte e a propagação do *#ficaemcasa*, como o fizemos enquanto única ferramenta de **resistência** possível em prol do coletivo. De acordo com Foucault (1990b, p. 18), “[...] numa relação indissociável com formas de saber, [...] trata-se de pensar sempre de tal maneira que [o poder] seja associado a um domínio de possibilidade e por consequência de reversibilidade, de inversão possível”. Então, nossa resistência em ecoar a *#ficaemcasa* residia na clareza de que o “sair” poderia ser um dos encontros sangrentos e fatais com a morte do corpo, quando o **novo normal**<sup>10</sup> não era nada além de um efeito de sentido, de verdade e de poder.

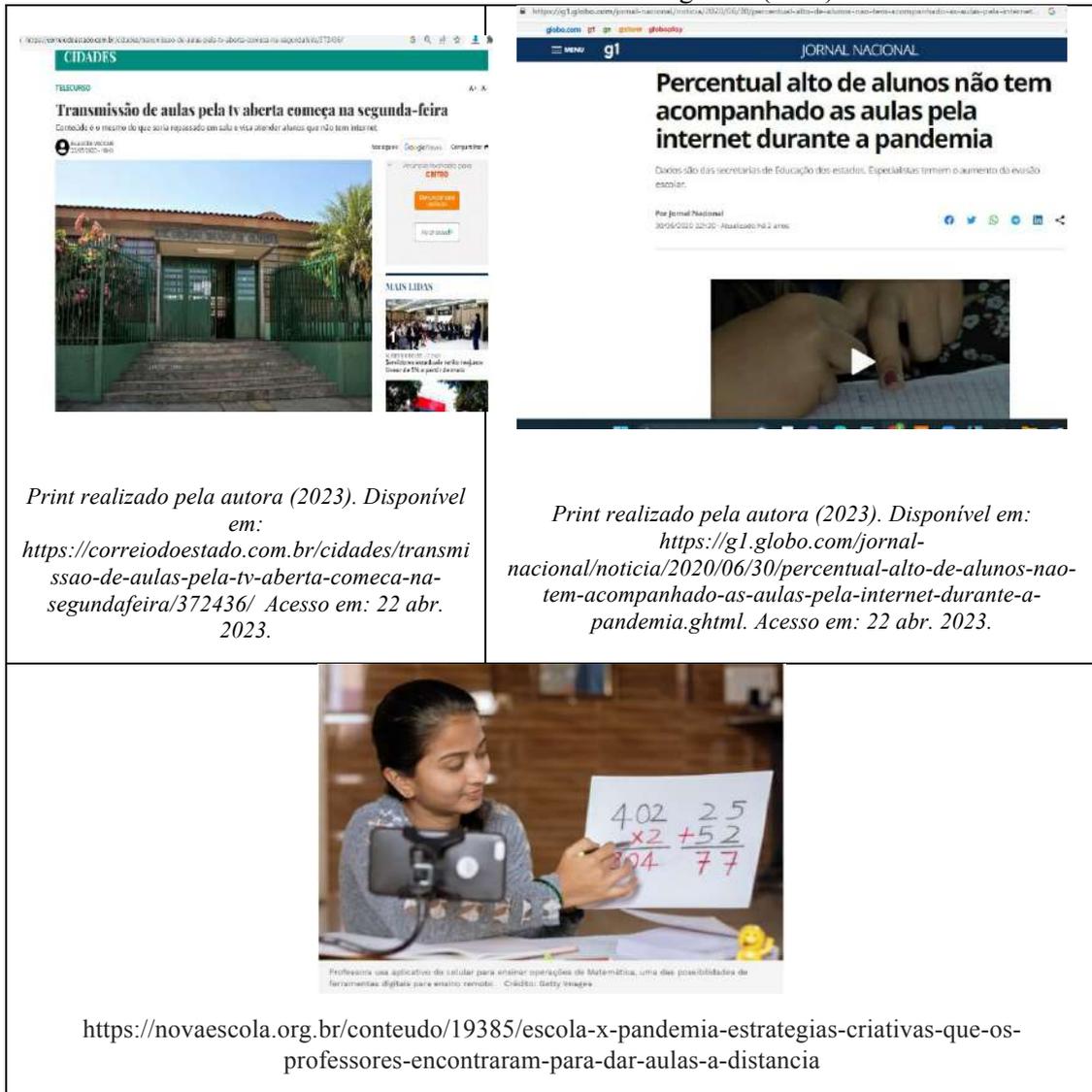
Sim, nós o fizemos, mas de forma concomitantemente ao exercício de nossos ofícios, abrindo as portas de nossas casas e pagando a conta das adaptações necessárias. Do pecuniário ao emocional, perdemos a noção do tempo, porém não deixamos parar a educação, a notícia, a pesquisa, o jornalismo, a arte.

Figura 6 – Iniciativas brasileiras para a implementação

<sup>9</sup> Reportagem disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/674399-sancionada-lei-de-combate-a-violencia-domestica-durante-pandemia>

<sup>10</sup> Em Silva (2020, p. 48), encontrei uma relevante discussão dessa fórmula discursiva, situando que “[...] o ‘novo normal’ possa ser, não o mesmo normal de novo, mas o novo e que esse novo possa ser normal”.

do Ensino Remoto de Emergência (ERE)



Print realizado pela autora (2023). Disponível em:  
<https://correiodoestado.com.br/cidades/transmissao-de-aulas-pela-tv-aberta-comeca-na-segunda-feira/372436/> Acesso em: 22 abr. 2023.

Print realizado pela autora (2023). Disponível em:  
<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/06/30/percentual-alto-de-alunos-nao-tem-acompanhado-as-aulas-pela-internet-durante-a-pandemia.ghtml>. Acesso em: 22 abr. 2023.

<https://novaescola.org.br/conteudo/19385/escola-x-pandemia-estrategias-criativas-que-os-professores-encontraram-para-dar-aulas-a-distancia>

Fonte: *Print* realizado pela autora (2023)

Na Figura 6, *printo* matérias que repercutem dificuldades enfrentadas e heterogeneidade de ações desenvolvidas enquanto Ensino Remoto de Emergência no país. Programa no rádio, canal na TV aberta, aulas ao vivo, caderno de atividades, *podcasts*, videoaulas gravadas de maneira improvisada, documento de estudos dirigidos. Duarte *et al.* (2022, p. 99), por exemplo, resgatam parte dessa diversidade, no entanto o fazem analisando como “[...] as atividades escolares, inseridas no espaço doméstico, proporcionaram, pois, visibilidade a problemas antigos, como a desigualdade social”.

Não, não mudei de lado, sobretudo porque não se trata de dicotomizar ciência e economia como se o segundo também não fosse da ordem do científico, simplesmente porque não há como estabilizar o que circulou, nas ruas e na *Internet*, como únicos e excludentes critérios em que se deveria pautar a postura da sociedade e as políticas públicas de atuação no período.

E enquanto respeitamos o toque de recolher, nossa fauna, nossa flora<sup>11</sup>, os cofres públicos, nossos direitos, tudo seguiu em processo contínuo de aniquilamento pela mesma engrenagem perspicaz em fomentar retrocessos.

Dos trajetos de sentido comuns à mobilização da *#ficaemcasa*, na biopolítica do contexto brasileiro, ou da parte que coube neste recorte, criado sem a pretensão de esgotar a problemática, passo, no item a seguir, à última incursão na dupla tipologia de poder. Nela, deposito o olhar sob uma narrativa, dentre tantas possíveis, no que tange à forma individual com que se deu a resistência em tempos tão sombrios.

### **A disciplina cotidiana de um corpo isolado**

Enquanto segunda aresta do biopoder, neste item, focalizo um tipo de poder sobre a vida que se destina ao corpo individualizado – o poder disciplinar. Para adentrá-lo e ratificando o que propõe Sant’Anna (1995, s/p) de que, “[...] talvez fosse interessante começar por aquilo que possuímos de mais concreto e banal e que, ao mesmo tempo, não cessa de ser reconstruído e modificado ao longo dos anos. Ou seja, começar pelo corpo”, inicio esta seção que se intitula numa máxima articuladora entre o isolamento social enfrentado no contexto pandêmico e a noção de disciplina.

Na perspectiva discursiva, remetendo à sua emergência, na década de 70, posso reiterar o quanto ela “[...] aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)” (FOUCAULT, 2009, p. 133-134). Concebendo, pois, a luta de aumento e diminuição de tais forças, assumo a arriscada ordem do dizer para narrar, em algumas linhas, parte de uma disciplina cotidiana. No processo, embora recorra à primeira pessoa gramatical, adianto que

[...] não se tratará [...] nem de ‘eu’, nem de ‘meu método’, mas dessa função que pertence à obra no que eu digo, que se pode empreender a descrição a partir daí, mas que não se pode definir independentemente de sua relação com outros discursos que lhes são anteriores ou contemporâneos. É a razão pela qual essa voz pode ter alguma singularidade [...] ela não tem nada, felizmente, de pessoal [...] que ela seja portanto o sujeito deste [texto]: aquilo de que ele fala e o que fala nele (FOUCAULT, 2014c, p. 52, acréscimos meus).

A fim de dimensionar, mais uma página às condições de irrupção da pandemia, resgato, a seguir e em itálico, a reatualização de outra memória, a da apresentação que realizei, em outubro de 2021, na mesa intitulada “Discursos em rede”, por ocasião do II Simpósio de Estudos do Discurso da Unicentro:

*Abrir os olhos e respirar fundo: os pulmões funcionam bem. Quando o ar não falta, é sair da cama para outro cômodo (mas #ficaemcasa). Depois de ter o corpo/a carne invadido/a pelo intruso microorganismo, entretanto, é do colchão mesmo que mais um dia no trabalho remoto se inicia. E começa tentando abafar os sons de fora, os do AP de cima, os de qualquer parte na vizinhança, os de quem mora com você e, acima de tudo, tentando não ouvir o que grita no peito: meu Deus, as pessoas estão morrendo e, como enfatiza Foucault (2014b, p. 107), “[...] para essa dor, um dia não basta!”. Na*

<sup>11</sup> Sobre a consequência do aumento de ataques ao meio ambiente durante o isolamento social, indico a matéria disponível em: <https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2020/09/16/senadores-instalam-comissao-externa-e-irao-ao-pantanal-no-sabado.htm-media/?foto=19>. Acesso em: 25 abr. 2023.

*tela do computador, as interfaces de websites são abertas e fechadas em um eterno minimizar/restaurar de ambientes. É necessário checar os e-mails, avaliar o que é possível responder ou produzir (mas fica o alerta: #ficaemcasa).*

*Em cada site, outros hiperlinks, é abrir o SEI (Sistema Eletrônico de Informações), o Sigproj (Sistema de Informação e Gestão de Projetos), o Sigpos (Sistema de Gestão de Pós-Graduação), o Siscad (Sistema Acadêmico de Graduação da UFMS), o AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem), o BS (Boletim de Serviços) – sistemas diversos que não só conferem o estatuto de cumprimento da dedicação exclusiva de servidora pública, mas também são os espaços onde desenvolvemos parte dos tantos gêneros discursivos que mobilizamos na produção de documentos diários, para cada ritual acadêmico (relatório, projeto, resumo, artigo, parecer, feedback, edital, prova, entrevista). Isso, é claro, sem contar a plataforma Sucupira, currículo lattes, o Academia edu, o Orcid, ou as páginas de grupos de pesquisa no Instagram e no Facebook (para ficar apenas nessas duas mídias sociais digitais).*

*No WhatsApp, no Telegram, no Hangouts e no Messenger, infinitas dizibilidades repetidas, compartilhadas em velocidade inapreensível ao corpo debilitado. É inútil tentar colocar, em dia, leitura e retornos na mesma profusão com que tantos enunciados chegam, a toda hora, em cada caixa de entrada. Perdidos entre os dizeres ou sobrepostos a cada intrusiva e, a um só tempo, esperada notificação, chegam algumas notícias dos nossos (sobre estes também ecoa em meu coração o mantra: #ficaemcasa). Digo “algumas” porque, quase sempre, só sobra tempo para suspirar o alívio de ler a palavra “on-line” junto à foto de perfil de familiares que amamos. Nada além. Se não dá pra viajar, visitar e abraçar, no isolamento social, a convivência, às vezes, beira a ordem do impossível, no modo com que nossos ofícios tomaram até o tempo de que não dispomos.*

*E ainda precisamos redefinir a prática docente, dos mais experientes aos menos: adaptar conteúdos, acompanhar regulamentação, tirar forças de onde nem se tem para encorajar estudantes, encontrá-las/os na dispersão de espaços, demandas, conteúdos. Ainda é urgente sobreviver, inclusive às intermináveis reuniões pelo Google Meet, reinventar instrumentos avaliativos, produzir materiais para quem não participa das aulas ao vivo. E, a cada nova resolução, um prazo diferente que permite o trancamento por discentes e, por consequência, exige de nós novos equilíbrios.*

*Também é necessário acompanhar as notícias. Quantos mais partiram? Conseguirão criar vacinas? As vacinas serão disponibilizadas? Haverá mudanças de protocolo? Novas recomendações? Pelo computador, está impossível ter acesso à informação porque produtores de conteúdo parecem simplesmente ignorar o sofrimento que causam em uma leitora que sofre de Transtorno Obsessivo Compulsivo (ainda assim, mas #ficaemcasa). Independentemente do que propõem os psicólogos da vertente comportamental, a exposição de uma tocada (mesmo que em doses progressistas) às imagens e representações do Novo Coronavírus é uma experiência pra lá de impossível do rol de tanta dor que já impera as condições de possibilidade vividas durante a pandemia de Covid-19.*

*Da Internet, se a tentativa de se informar é transferida para a mídia televisiva, a gente vira refém da logística própria às programações. E haja saúde mental para tanta espetacularização de tudo. A regularidade das cenas oriundas de ações negacionistas*

*potencializa uma revolta já latente antes do Golpe de 2016. Por outro lado, o didatismo das repetições ad infinitas de ações básicas também cansa (então, #ficaemcasa). E, pior, ver o enquadramento do luto de tantas famílias é como ter um pedacinho de nós morrendo junto, a cada novo relato. Paralelos à vontade/necessidade de saber, os rituais de limpeza dos pacotes, das mãos e dos ambientes agora pesam como um caminhão nos ombros até de quem não é Drummond ou de quem não sabia que “os ombros” podem mesmo “suportar um mundo”.*

*E o que mais? Sabe o Giovanna Baby cujo frasco você carrega na bolsa e cuja prática de uso você implementou em todos os espaços por onde circula? Ele está em falta, assim como os demais frascos de álcool em gel que, agora, são objeto de desejo da maioria. E o que mais? Ainda é essencial se exercitar, de casa, é claro, e beber água, cuidar da alimentação, meditar, driblar a arquitetura dos condomínios para pegar sol.*

*Só que tudo isso já configura práticas do cuidado de si (FOUCAULT, 1988) que são elementares para quem vive em sociedade, para quem aspira cuidar do outro. Nem vou mencionar o arrastar de correntes que foi pra tantos seres humanos lidar com os sintomas, submeter-se aos repetidos exames, aguentar a demora dos resultados. Acabou? Também é preciso manter a dispensa equilibrada (as coisas podem começar a faltar nos supermercados). E vou parar por aqui mesmo sabendo daquelas/es que acrescentaram e seguem acrescentando à lista uma luta diária por ter o que comer ou por saber quantas horas vai durar a próxima surra.*

*Resgatando o contexto do teletrabalho<sup>12</sup> docente, de uma servidora que não precisou subir a favela pra ler as lições, nem atravessa o rio de barco pra atender os alunos, ainda é preciso cuidar da face exposta em mais uma webconferência, em closes que serão repostados de forma descontextualizada desenfreada, que serão baixados e acessados inúmeras vezes, por avatares anônimos ou não. Somado aos elementos anteriores e não menos relevante, não posso deixar de falar da quantidade de lives e eventos on-line com que docentes e discentes tiveram que lidar no dia-noite-dia de quase dois anos de confinamento.*

*De um lado, a importância das discussões nos manteve unidas/os, firmes, copresentificadas/os (SANTOS, 2014) em torno de ideais que partilhamos, aproveitando as tecnologias também para criar um efeito de democratização do conhecimento gerado nas universidades, embora, para quase todas as situações, a gente tenha usado espaços discursivos digitais que capitalizam e monetizam muitos fascismos. De outro, como abrir espaço na agenda e no corpo doente para usufruir das interações e contribuir com elas? Por fim, não se trata de uma reflexão que julga, vigilante (FOUCAULT, 2009a), as práticas de outrem, tampouco se trata da mesma lógica que tematiza hits sobre o recalque, mas de um desabafo certamente não individual de quem se pergunta: será que não exageramos? (SANTOS, 2020)<sup>13</sup>.*

<sup>12</sup> No contexto do isolamento social, a UFMS implantou diferentes medidas para a manutenção das atividades docentes de maneira remota. No artigo 2º, inciso V da Resolução nº 243-CD/UFMS, de 9 de fev. de 2022, a noção de teletrabalho é definida como “[...] modalidade [...] em que o cumprimento da jornada regular pelo participante pode ser realizado fora das dependências físicas do órgão [...] de forma remota e com a utilização de recursos tecnológicos, para a execução de atividades que sejam passíveis de controle e que possuam metas, prazos e entregas previamente definidos”. Disponível em: <https://boletimoficial.ufms.br/bse/publicacao?id=447287>. Acesso em: 24 abr. 2023.

<sup>13</sup> A versão inicial da narrativa foi escrita para minha apresentação no II Sieduni/Unicentro.

Por que é necessário romper a ordem da narrativa recuperada e agarrar, novamente, o propósito maior do presente texto, interrogo, arqueogeneologicamente, como e por que os sentidos sobre “ficar em casa” perfazem a rotina esboçada. No trecho de fala deixado em itálico, eu recupero parte de uma discussão desenvolvida visando potencializar, naquela ocasião, a força motora de algo muito caro principalmente à proposta da mesa – de pensar os “Discursos em rede”. Para tanto, eu comecei atualizando mais ditos do filósofo francês Michel Foucault. Em escrita de 1977, publicada originalmente em inglês, Foucault, ao prefaciá-la versão norte-americana da obra *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*, de Deleuze e Guattari, situa o período que vai de 1945-65, no cenário europeu, enquanto condições de emergência para a proposição mesmo de uma vida não fascista.

Desse prefácio bastante conhecido e frequentemente retomado por estudiosos de diferentes áreas, sobretudo para delinear o quão atual é a reflexão foucaultiana, posto que “[...] os discursos são destinados à repetição” (FOUCAULT, 2014c, p. 60), eu retomo dois excertos do autor que mais me tocam. No primeiro deles, o pensador faz referência “[...] ao fascismo que está em nós todos, que martela nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora” (FOUCAULT, 2014d, p. 8-9).

O que me causa emoção na passagem não consiste, obviamente, na aceitação das múltiplas e alternantes faces dos fascismos de cada dia, e sim no que Michel Foucault (2014d) sugere como modo de vida contrário, uma vez observado, com clareza, esse funcionamento. Entre os sete princípios elencados pelo filósofo, retomo um, como segunda passagem que escolhi destacar deste texto do qual eu tanto gosto: “Não se apaixone pelo poder” (FOUCAULT, 2014d). Durante a mesa-redonda, interlocutoras/res poderiam achar que eu implementei uma prática fascista de trazer a tristeza da minha narrativa para a abertura de um evento tão lindo e promissor. Mas, na esteira do convite que o Foucault faz à nossa capacidade de se reinventar, na luta diária contra os microfascismos, o que eu compartilhei intentava figurar de forma propositiva mesmo. Tratava-se de estender o convite e pedir ajuda por que as aulas presenciais estavam por voltar, a pandemia seguia seu curso (progressivo), e se a gente continuasse no piloto automático de uma servidão voluntária, a qual pode ter sido motivada por enunciados como “O país não pode parar, a educação não pode parar”, ao invés de resistir, corríamos o risco de, como sujeitos-corpos constantemente afetados pelo fascismo, também nos tornarmos fascistas.

## Palavras finais

Ao adentrar a dinâmica natureza política de lutas empreendidas no Brasil pandêmico, problematizei, neste texto, a irrupção de enunciado-formulação determinado historicamente, representativo de condicionamentos dos corpos e das vidas no tempo-espaço recortado – a *#ficaemcasa*.

Além de defender como esse enunciado personificou o funcionamento de dupla tipologia de poder, entre 2020 e 2022, no país, as análises aqui desenvolvidas situaram a produção de um efeito de rarefação de duas vontades de verdade, na confluência entre o desgoverno de um poder soberano e as descontínuas faces de um biopoder que, na escavação de enunciados, irrompeu sobre a vida da população e sobre o condicionamento individual dos corpos.

Tentando promover um efeito de fecho, escolhi deixar ecoando uma das perguntas com que o filósofo francês inicia o prefácio citado neste texto – Como fazer para não se tornar fascista mesmo quando (sobretudo quando) se acredita ser um militante revolucionário? (FOUCAULT, 2014a, p. 8).

Na esteira dessa questão e após delinear mais páginas na historicidade do contexto pandêmico enfrentado, cabe ressaltar que, para além da diferenciação proposta por estudiosos, que separam o que é ser militante e o que é ser ativista, bem como não levando em conta os sentidos possíveis à mobilização do adjetivo “revolucionário”, que a pergunta do autor seja tomada dentro e fora da academia com um otimismo outro de encarar a ordem das coisas que se apresentaram diante de todes, de forma conjunta e respeitosa. Afinal, “[...] é preciso, hoje, mesmo, viver o tempo de maneira diferente. Principalmente hoje” (FOUCAULT, 2014a, p. 110).

## REFERÊNCIAS

- CAMPOS, J. G. S. O Museu Casa de Portinari e(m) conexões da rede: língua(gem), sociedade e as (não tão) novas tecnologias como estatuto do acontecimento discursivo. **Revista Eletrônica Interfaces**, Guarapuava, v. 10, n. 2, p. 165-180, 2019.
- CONSOLARO, V. S. **A construção discursiva de um regime de verdades sobre professores em postagens de 2019 e 2020 no Twitter**. 2021. 112 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Faculdade de Artes, Letras e Comunicação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2022.
- DUARTE, A. S. *et al.* “Meus professores” no ensino remoto: saberes e espaços escolares em publicações no Twitter. **Revista Letra Magna**, [S. l.], v. 18, n. 29, p. 97-106, 2022. Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/magna/article/view/1996>. Acesso em: 25 abr. 2023.
- DUARTE, A. S.; SANTOS, E. M. A discursivização da violência doméstica em Mato Grosso do Sul. *In*: PIMENTA, Helder Sousa (org.). **Discurso e sociedade: práticas discursivas em instâncias diversas**. 1. ed. Curitiba: Casa Editorial, [2023?]. p. 48-69. No prelo.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Sampaio. 20. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010b.
- FOUCAULT, M. **A sociedade Punitiva**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- FOUCAULT, M. Critical Theory / Intellectual History. *In*: KRITZMAN, L. (ed.) **Michel Foucault: Politics, Philosophy, Culture - Interviews and Other Writings 1977-1984**. Tradução de A. Sheridan *et al.* Londres: Routledge, 1990a. p. 17-46.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque, J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. Michel Foucault: o momento da verdade. *In*: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos, volume IX: Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade**. Tradução de Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b. p. 107-107.



FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. Nietzsche, a Genealogia e a história. *In*: FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. 15-37.

FOUCAULT, M. O livro e o sujeito – Primeira versão de A arqueologia do sujeito, Introdução. *In*: YONG, J. *et al.* (org). **Michel Foucault**. Tradução de Abner Chiquieri. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014c. p. 39-60.

FOUCAULT, M. Prefácio. *In*: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos, volume IX**: Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade. Tradução de Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014d. p. 7-10.

FOUCAULT, M. Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung. **Bulletin de la Société française de philosophie**, v. 82, n. 2, p. 35-63, abr./jun. 1990b Disponível em: <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/critica.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2023.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 37. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

FOUCAULT, M. Viver de outra maneira o tempo. *In*: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos, volume IX**: Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade. Tradução de Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a. p. 108-110.

GALLO, S. L. Na teoria e na prática: para onde vamos? *In*: FLORES, G. G. B. *et al.* (orgs.) **Análise de Discurso em rede**: cultura e mídia, v. 4. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 17-36.

NAVARRO, Pedro. Estudos discursivos foucaultianos: questões de método para análise de discursos. **MOARA** – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, v. 1, n. 57, p. 8-33, dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9682/6672>. Acesso em: 25 abr. 2023.

NOGUEIRA, M. E. T. M. Quando iremos voltar? — a discursivização sobre o ensino remoto por estudantes de Letras da UFMS. *In*: PIMENTA, Helder Sousa (org.). **Discurso e sociedade**: práticas discursivas em instâncias diversas. 1. ed. Curitiba: Casa Editorial, [2023?]. p. 9-47. No prelo.

SANT'ANNA, D. B. Corpo e história. **Cadernos de subjetividade**. Núcleo de Estudo e Pesquisa da Subjetividade – Programa de Estudo de Pós-Graduação em Psicologia Clínica – PUC/SP, São Paulo, v. 2, p. 243-26, 1995.

SANTOS, E. M. Da #ficaemcasa e das formas ideológicas de repressão dos corpos: o duplo funcionamento de controle-desigualdade no Brasil pandêmico. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (130 min). Publicado pelo canal Revista Laboratório Ciência em Curso. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=q8HsUKN-Lqb8&list=PL\\_uniRqdLpeVRXEIRRFBPbvi5ydEEbbj6&index=13](https://www.youtube.com/watch?v=q8HsUKN-Lqb8&list=PL_uniRqdLpeVRXEIRRFBPbvi5ydEEbbj6&index=13). Acesso em: 18 dez. 2022.

SANTOS, E. M. Discursos em rede no Brasil pandêmico. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (106 min). Publicado pelo canal Laboratório de Estudos Discursivos da Unicentro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3vpUgiSjAZs>. Acesso em: 24 abr. 2023.

SANTOS, E. M. Efeitos discursivos e a escrita da história política no Brasil de 2018. *In*: FLORES, G. G. B. *et al.* (orgs.). **Discurso, cultura e mídia**: pesquisas em rede. Santiago: Editora Oliveira Books, 2019. p. 422-436.

SILVA, L. F. A. O novo (ou o) normal? *In*: BAALBAKI, A. C.; FERREIRA, S.; ANDRADE, L. F. (orgs.). **Discursos da pandemia**: entre dores e incertezas. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 23-52.

SILVA SOBRINHO, H. F. Estado, Política e Farsa: o Golpe de 2016 e o discurso na reprodução do capital. *In*: SILVA SOBRINHO, H.; GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. (orgs.). **Silêncio, Memória, Resistência**: a política e o político no discurso. 1 ed. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 57-77.

SILVEIRA, J.. O efeito de rumor na discursivização do corpo político-midiático: imagens rumorais no discurso ordinário digital. **REDISCO** – Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo, Vitória da Conquista, v. 10, p. 57-80, 2016. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/redisco/article/viewFile/6142/5884>. Acesso em: 25 abr. 2023.

SOUSA, L. M. A. Redes de escravização. *In*: MEDEIROS, V. *et al.* (orgs.). **Almanaque de Fragmentos**: ecos do século XIX. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 239-246.

**Recebido em:** março de 2023.

**Aprovado em:** maio de 2023.

**Como citar este trabalho:**

---

SANTOS, E. de M. A #ficaemcasa e o funcionamento de dupla tipologia de poder no brasil pandêmico. **Traços de Linguagem**, v. 7, n. 1, p. 53-69, 2023.

---